

# A festa da união

Quando as últimas pessoas deixaram, já na madrugada de ontem, o Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade, cumpria-se ainda uma vez o espetáculo anual de solidariedade prodigalizado pela Festa dos Estados, a 33ª desde a fundação da capital da República. Mais do que das vezes anteriores, a população soube compreender os objetivos humanitários do evento e a abnegação de seus promotores, tudo posto em favor do socorro aos grupos sociais carentes.

Oferecer arremate quantitativo aos números alcançados nas relações financeiras, para se ter idéia da vocação solidária do povo brasileiro, é menos importante do que considerar outros aspectos envolvidos no acontecimento. Já se sabe que os visitantes da Festa ali gastaram uma eventual sobra dos orçamentos domésticos, hoje emagrecidos pela crise econômica devoradora de salários e cercados pelas expectativas gerais de desemprego. No particular, portanto, não se deve esperar resultados extraordinários, embora as lideranças comunitárias trabalhem com hipóteses de rendimentos razoáveis.

Deve-se tomar aos métodos de mensuração ética, moral e política os padrões para dimensionar iniciativas do porte da Festa dos Estados no Distrito Federal. Ressalte-se, desde logo, que a cultura local, formada no cadinho de um inter-relacionamento de valores múltiplos e diversificados em suas origens, revela-se na compreensão da cidadania como uma moeda ética de curso nacional. Por isso mesmo, os cidadãos aqui estabelecidos não distinguem regiões ou as apreciam sob restrições de qualquer ordem. Antes, todos se irmanam para laborar em benefício comum, com aquele entendimento político de que a Nação não é apenas uma entidade abstrata, com uma base fisiográfica definida, mas o abrigo e o

patrimônio comum a todos os brasileiros.

Construída pelo concurso de cidadãos procedentes de todos os estados e adensada, do ponto de vista demográfico, sob o mesmo impulso centrifugador, Brasília é o microcosmo da nacionalidade. Preside-a a idéia nuclear de um trato do território onde a Federação, em sua forma integral, convive em harmonia enriquecedora, no encontro pacífico de súditos das diversas unidades da União. E por apresentar-se como o produto caldeado de todos os valores, Brasília é a evidência pulsante, inquestionável, de que o povo brasileiro tem na unidade nacional o seu culto mais sagrado e o valor mais alto a ser preservado entre os pressupostos da soberania.

Assim, a manifestação solidária expressa de forma tão generosa na 33ª Festa dos Estados exprime sentimento de integração e independência, sob o beneplácito de uma comunhão indispensável para forjar as matrizes morais de uma nação verdadeira. Visto por esse ângulo, o acontecimento se insere em um nível superior de avaliação, tão alto e tão significativo que remete a plano secundário os seus objetivos práticos, a despeito de implicar ajuda apreciável àqueles brasileiros ainda atirados a padrões indignos de sobrevivência.

Não será, portanto, necessário esperar a frieza das extrapolações contábeis para proclamar o êxito da Festa. A presença maciça da população e as demonstrações inequívocas de solidariedade bastam para dar-lhe uma dimensão própria, vinculada aos mais altos valores da unidade nacional. Projeção política, moral e demográfica da sociedade brasileira, a população de Brasília deixa na grande celebração dos estados a marca de uma vibração cívica riquíssima em sugestões de amor ao Brasil.